



Mito da autossuficiência não resiste a teste da realidade

Síntese: Em 2006, o governo Lula alardeou que o país passara a ser autossuficiente na produção de petróleo. Nem naquele nem nos anos seguintes isso foi realidade: em 2008, a balança comercial de petróleo e combustíveis apresentou déficit de US\$ 8,5 bilhões. O Brasil importa cada vez mais óleo e, principalmente, derivados, comprados em volume recorde no exterior no ano passado. A julgar pelas projeções oficiais, esta é uma situação que não irá mudar no curto prazo: mesmo com a entrada em operação de refinarias Premium da Petrobras, pelo menos até 2013 o país continuará a demandar mais derivados do que é capaz de produzir.

Cerca de três anos atrás, os meios de comunicação do país foram inundados por peças publicitárias embaladas em tons ufanistas. Contratadas pela Petrobras, alardeavam que o Brasil atingira a autossuficiência na produção de petróleo. Era véspera da campanha eleitoral e, para celebrar o feito, em 21 de abril o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sujou as mãos de óleo para inaugurar uma plataforma de exploração, repetindo gesto de Getúlio Vargas ainda na década de 1940. O tempo encarregou-se de mostrar que não passou de mais um lance do persistente marketing que envolve o governo petista.

A tão proclamada “autossuficiência” ainda é miragem. O governo federal vende ao público a falsa ideia de que o país produz petróleo em volume capaz de fazer frente ao que consome. Não é realidade: o país continua a importar petróleo e derivados em grandes quantidades. O déficit na balança do setor com o exterior tem sido crescentemente deficitário – em nenhum ano o resultado foi positivo. E as projeções não indicam mudança em curto espaço de tempo.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, o país gastou US\$ 31,5 bilhões com a importação de petróleo e combustíveis no ano passado. Isso significa crescimento de 56,7% na comparação com 2007. Como as exportações atingiram US\$ 23 bilhões, o déficit foi de US\$ 8,5 bilhões no período. Para se ter ideia do peso disso na balança brasileira como um todo, entre 2007 e 2008 o saldo comercial encolheu US\$ 15,3 bilhões.

Importações ascendentes

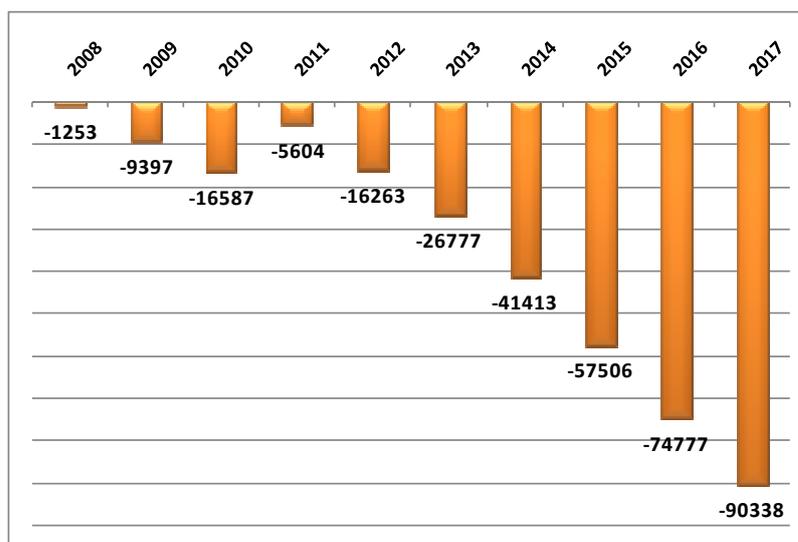
A dependência brasileira é maior no caso dos derivados: dadas as características do petróleo que o país produz, é necessário importar variedades mais leves, que aqui são transformadas, principalmente, em diesel, querosene de aviação e nafta petroquímica. Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), apenas com derivados a despesa foi de US\$ 11 bilhões até novembro (mais recente dado disponível), com expansão de 58% sobre igual período do ano anterior.

Ao contrário do que apregoava a milionária campanha da Petrobras – que torrou R\$ 37 milhões em anúncios – nunca na história o país gastou tanto comprando combustíveis no exterior. Mantida a média do último mês de 2007 – hipótese bastante conservadora, já que o ritmo de aquisições crescia à média

de 18% até novembro último – a quantidade de petróleo e derivados importada no ano passado terá sido recorde: cerca de 255 milhões de barris equivalentes de petróleo. O déficit comercial do setor é hoje 2,5 vezes maior do que era no início da atual gestão, indica a ANP.

A Petrobras costuma divergir destes números e sustenta que o país é, sim, autossuficiente. Mas o próprio desempenho da companhia em anos recentes tem colaborado para que o país precise buscar produtos junto a fornecedores estrangeiros. No ano passado, segundo a empresa, a média de produção foi de 1.854 barris por dia. Com isso, a produção interna manteve o ritmo de expansão que vem seguindo como padrão ao longo da gestão petista: menos de 4% de crescimento ao ano.

Diferença entre produção e demanda por derivados (em m³)



*Valores negativos indicam demanda superior à produção. 1 m³=6,2898 barris de petróleo.
Fonte: Plano Decenal de Energia 2008-2017.

É bem abaixo do que o país conseguia nos anos imediatamente posteriores à abertura do mercado à exploração de outros concorrentes. No governo Fernando Henrique, a média diária de produção cresceu à taxa de 9,6% ao ano a partir de 1997, quando foi promulgada a nova lei do petróleo. Símbolo do desempenho deficiente registrado no governo Lula é o ano de 2004, quando a produção decaiu em relação ao exercício anterior, algo que não ocorria no país desde 1991.

Insuficiência duradoura

Embora o governo federal procure dizer que os déficits são resultado de ocorrências fortuitas ou conjunturais, como problemas localizados em algumas refinarias e plataformas, não é isso o que o planejamento oficial para os próximos dez anos indica. O Plano Decenal de Energia (PDE) 2008-2017, publicado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE) em fins de 2008 e submetido a consulta pública até o fim deste mês, deixa claro que a dependência do país em relação à importação de combustíveis ainda perdurará por um longo tempo.

Os técnicos do governo projetaram três cenários de abastecimento para o próximo decênio, levando-se em consideração os investimentos já em marcha e

os que ainda são promessa. Em todas as simulações pelo menos até 2013 o país continuará a demandar mais derivados do que é capaz de produzir internamente. Em algumas das hipóteses, tal necessidade não desaparece do horizonte traçado até 2017.

A principal aposta dos planejadores da EPE é a construção de refinarias Premium pela Petrobras. Trata-se de investimento considerável: US\$ 33 bilhões para erguer duas plantas no Ceará e no Maranhão. Juntas, elas poderão ter capacidade para processar 900 mil barris por dia, o que equivale a um aumento de quase 50% em relação a todo o parque atual. A empresa manteve o investimento em seu plano de ação até 2013, mas o próprio governo não crê na possibilidade – a julgar pelo que consta do PDE.

A hipótese considerada pelos técnicos da EPE, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, “mais realista, em face da difícil situação internacional” é de que apenas a refinaria maranhense saia do papel, mesmo assim com algum atraso. Neste cenário, o balanço entre produção e demanda de derivados mantém-se deficitário até 2014, voltando ao vermelho no ano seguinte e caminhando para o equilíbrio daqui a dez anos. Se nem esta planta se concretizar, o déficit é perene ao longo do próximo decênio, chegando ao equivalente a 568 mil barris (ou 90 mil metros cúbicos) por dia no fim do período.

Não é crime o país, até por razões empresariais, ter que continuar comprando combustíveis no exterior. Parte das importações brasileiras de derivados obedece a uma lógica de otimização de custos e de maximização de resultados. O que não é desejável ou sequer aceitável é que a propaganda oficial venda à população um cenário distante do que é a realidade. O dicionário Aurélio define “autossuficiente” como aquilo “que basta a si mesmo”. O caso do petróleo brasileiro está longe de poder ilustrar o verbete.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br